

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—

36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1226

20 de Janeiro de 1913

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

O NOVO MINISTERIO



Da esquerda para a direita — Dr. Almeida Ribeiro, ministro das colonias; Dr. Antonio Macieira, ministro dos estrangeiros; Major Pereira Bastos, ministro da guerra; Capitão Dr. Alvaro de Castro, ministro da justiça, Dr. Rodrigo Rodrigues, ministro do interior; Dr. Afonso Costa, presidente e ministro das finanças; Freitas Ribeiro, ministro da marinha; Antonio Maria da Silva, ministro do fomento.

PRIMEIRA REUNIÃO DO MINISTERIO EM CONSELHO

(Cliché Benoliel)

CRONICA OCCIDENTAL

Ha dias, mancebo amigo e gracioso pisadôr de palcos, replicando a mui ponderadas e ponderosas consideraçõis que alguém dignamente fazia ácerca do afamado teatro português, teve uma frase de seguro efeito:

— Ora, meu nobre senhor, aparêçam boas peças teatraes e bons actôres apparecerão!
E a furiosa diatribe que alguém, incansavelmente e desapiadadamente, descarregava com admiravel pontaria sobre os nossos pisa-palcos de actualidade, caiu e esmoreceu...

E, na verdade, não sabemos que mais lamentar no teatro português, se a deficiência de bons actôres, se de bons autores a deficiência.

O que parece inegavel, é que o teatro português anda coitadinho, anemizado, cambaleante, e cremos bem que já seria rojado por terra, se não se reconhecesse imponente a luxuosa vaidade de o conservar e não o amparassem ingestõis amiudadas de tonicos exóticos e o bafo grosso do grande-publico da Parvonía.

Se bem que o grande-publico português — falemos com franqueza — se sentiria mais comodamente instalado, numa ruidosa barraca de feira, chupando cigarrinhos de Kentuki e roendo frituras, a piscar o ôlho marôto aos corpinhos pimpõis de galhardas femeas revisteiras, ou a admi-

rar, com beatitude, trapezios de clowns e saltos de cavalinhos, arreganhando a boca hilar nos intervalos facêciosos dum Sir Walter.

Rareiam, é certo, desoladoramente, autôres teatraes de merito incontestavel; — o que não será devido á famosa falta de instincto dramatico que por vezes, consideraveis criticos de estanco, com dedo divinatório, a Portugal, apontam.

A tristeza acabrunhadôra do nosso teatro, liga-se immediatamente á Tristeza-Maior que, ha anos, começou de envolver e pesar sobre Portugal, intensivamente.

De resto, esta epoca, que decorre, brumosa e hesitativa, faz sentir-se sobre todo o mundo intelectual. Nestes tempos de transição e turbação, de ancia mística e appetites rasteirinhos, em que se

olha, como Aristoteles, fixamente, o chão, e se fita, como Platão, nostálgicamente o céu; nesta era estranha e desvaída, em que Deus e Satan se dão as mãos e crença e ateísmo se casam; — as inteligências delicadas, recolhem á sua profundidade, para mais alto ascenderem, isolam-se, para melhor se encarem e encontrarem. E ninguém delas sabe...

E será porque o Passado transforma e engrandece, que nós olhamos com devoção, as Figuras-Maiores do Passado, que nos sorriem mais iluminadas e mais dignas?...

O Presente, implacavelmente, nos aparece, como uma feira de vaidades mesquinhas e ridículas, e uma arena onde vencem os nulos, por vãos, e predominam, por irresponsáveis, os incompetentes.

De todos os lados, surgem e enveredam e torvelinham, em arremessos, em vozeiros, videirinhos insatisfeitos.

Trazem nos lábios palavras meladas e sorrisos untuosos. Nos olhos arrevesados, expressões duvias. Nas mãos, apertos veementes e gestos largos.

Olhos baixos. Mãos negras. Almas vazias.

Para quê, olhar alto, se as minas de ouro fulvo das estrelas, são inatingíveis?

Para quê, mãos claras, se têm de pescar nas águas turvas?

Para quê, almas plenas, se ideal é farolim que transvia, ideias e devêres são cargas nocivas no mar borrascoso da Vida?...

E a onda cresce, avoluma-se, rompe balizas e invade todos os campos.

Quem ha por ahí, que sinta a arfar no seio o amor sagrado da sua Arte?

Quem ha, por ahí, que não vendesse os seus direitos de primogenito por um prato de lentilhas.

Das artes, a mais profunda e sacrificada tem sido, indubitavelmente, a Literatura.

Mocinho imberbe, tapado para contas, inutil na vida de alma branca e olhos macerados, frequente assíduos cafés-literarios, discute com entono e gestos sacudidos, toma atitudes, cumprimenta amavel, esgueira-se na intriga e nas horas vagas faz versos.

Amanuense ignorante, de peitinhos lustrosos e gorda insolencia, naquellas longas horas bocejadas de secretaria, passa officios, medita o seu jornal e calcula um romance de largo e escabroso entrecho.

Mancebo prestadio, de genio maleavel e sobrecenho duro, coçou por largo tempo o casaco pelas esquinas, deu noticias, borrou *linguados* e hoje escrevinha na sua gazeta, bastas columnas de consideravel critica.

Dignos uns dos outros...

De onde á onde, por agoiro do destino, aparece um rapaz macilento, de olhos em assombro e gestos acanhados. Traz na alma uma fecunda maré cheia de visões. Enche o seu cerebro um alto mundo de pensamentos.

E no seu ardente coração ha calor com que acalentar o universo inteiro.

Foge aos olhares atrevidos da multidão. Acanthoa-se na penumbra. Observa curioso e tímido. As insomnias afinaram-lhe a insensibilidade.

Chega a hora! Procura conviver.

Mas eis que vê, com olhos magoadísimos de pranto e sonho desfeito, que a multidão, derredor de si, dança uma ronda de ultrage e chacota.

Só mais tarde — mais tarde! — se a nausea o não fez regressar á solidão bemdita donde partira, é que conseguirá impôr se, a sofrer a sofrimento na gloria e no sonho o pezadelo.

Mas por agora a multidão aponta-o em alvo de irrisão e vencem os nulos, por nullos, e predominam os incompetentes, por incompetentes.

Por isso, não é raro ouvir cair pasmosas confidencias da bôca de-ouro de algum interessante camarada que a ironia da vida nos apresenta, para não nos entediarmos a sós.

O nosso importante amigo vem com enorme solicitude, ao nosso encontro, informa-se da nossa apreciavel saude e se não nos pede dinheiro emprestado, indubitavelmente nos pede cigarros.

Damos-lhe cigarro e fosforo ou não lhe damos nem uma, nem outra coisa, mas sempre lhe perguntamos com amabilidade:

— Então, talentoso mancebo, que tem feito? Tem, decerto, versegado...

— Ando assaz preocupado...

— Nem fez, ao menos, criticas de arte?...

Consideravel moço que é feito de si, então?

— Depositei no Normal uma comedia em três actos, dou a ultima demão numa deliciosa opereta que muito em breve será representada e...

— Quê?! Ainda mais?

— É penso maduramente numa tragedia em

quatro actos. Oh! meu amigo — diz-nos ele tocando enfaticamente a fronte — isto não pára nunca. Trabalha sempre!

— Bravissimo!

E por momentos ficámos meditando no assombroso genio deste meu jovem amigo que, não satisfeito com descobrir o segredo do moto-contínuo, o aplica audaciosamente ao seu potente cerebro em ventoinha. E desde então jamais conseguimos duvidar dos vertiginosos progressos que estão reservados, de futuro, ao teatro português, bem aproveitado, como é de esperar, o prestantissimo esforço do nosso jovem amigo e dramaturgo.

ANTONIO COBEIRA.



Novo ministerio

No relativo breve espaço de vinte e sete mezes — breve em presença da eternidade — que o novo regimen foi implantado em Lisboa, é este o quinto ministerio que se propõe governar a Republica, o que não seria de admirar num velho regimen gasto e desacreditado, mas que é profundamente lamentavel — com magua o dizemos — em um novo regimen que, em nome da salvação da patria, a revolução proclamou e o país recebeu na fagueira esperanza de uma completa regeneração.

Mas se não é novo que as mudanças de instituições de qualquer povo são sempre seguidas de maiores ou menores perturbações da ordem publica, em Portugal, dada a fórmula como se realizou a revolução e como a Republica foi recebida pelo geral do país, mal se compreende que dificuldades poderiam encontrar os homens do novo regimen para seguirem seu caminho honrada e patrioticamente, no empenho energico de salvar a nação. Os factos, porém, a que todos têm assistido não é preciso relembrar. Todos têm visto essa divisão de partidos, não se sabe bem em nome de que principios, dentro da Republica, degladiando-se irreconciliavelmente, na conquista do poder, sem plano de governo que acuda ás mais instantes e inadiváveis questões economicas e financeiras do país e, antes pelo contrario, agravando-as, num nunca acabar de questiunculas politicas de homens, de interesses, de ambições e de vaidades.

Crêmos bem que não foi para isto que se implantou o novo regimen, em que tudo devia ser novo e não principiar por onde o velho regimen acabou.

Pois é assim.

Depois do governo provisório, cujo primeiro cuidado parece deveria ser acudir ao descalabro financeiro do tesouro, em ves de agravar o mal como de facto agravou, e de promulgar leis provisórias que nenhuma urgencia reclamava, os governos que se sucederam têm sido de completa esterilidade, todos envolvidos na politica partidaria ou, talvez melhor, pessoal, discutindo-se os politicos uns aos outros, sobre se devem ou não devem apoiar os governos, em quanto a administração publica cada vez mais se vae embarçando na rede dos creditos extraordinarios, dos suprimmentos ao tesouro, com que dia a dia é avolumada a divida flutuante elevando-a a algumas dezadas de milhares de contos.

Evidentemente continua a politica de barriga e só por hipocrisia se fala de patriotismo.

E', infelizmente, quanto ha a registrar a respeito de governos de concentração, sob o favôr das côrtes, que a breve trecho lhe falta, sem força propria, á mercê da primeira arruaça.

O governo do sr. Duarte Leite, que chegou a inspirar certa confiança, nada fez do muito que era preciso, tornando-se de uma esterilidade absoluta e caindo por fim entre o conflito com o Chefe do Estado e as medidas de fazenda apresentadas ao Congresso que, sem conseguirem equilibrar o orçamento, levantaram os protestos do publico.

Em seis mezes se gastou este ultimo governo, media da vida dos que o precederam, depois do provisório.

Registremos para a historia.

A situação que lhe succede, parece ser definida. E' o partido radical ou democratico que tem por chefe o sr. dr. Afonso Costa.

Este partido é o da esquerda do parlamento, o que vale dizer sem maioria; o sr. dr. Afonso Costa, porém, conta para o governo que formou, com o apoio dos unionistas, a benevolencia dos independentes, tendo a opposição dos evolucionis-

tas, ou conservadores de que é chefe o sr. dr. Antonio José de Almeida.

O novo governo acha-se constituido, desde o dia 11 do corrente, da segsinte fórmula:

DR. AFONSO COSTA presidencia do conselho e ministro das finanças. As suas notas biograficas são bem conhecidas como bem conhecida é a sua vida publica de um dos maiores lutadores e combatentes pela implantação da Republica. Tomando para si a pasta das finanças terá ensejo de praticamente provar seus estudos de economia politica de que aliaz fez brilhante demonstração no concurso a que, ha pouco mais de um ano, concorreu para esta cadeira na Escola Politecnica em que foi provido. E' um dos raros casos do presidente do governo acomular a pasta das finanças. Que nos lembre, só uma vez isto aconteceu com Hintze Ribeiro, motivado pela sahida do ministro daquela pasta, de que resultou a breve trecho o ministerio cahir por complicações financeiras, tornando impossivel a sua recomposição.

A' data que escrevemos, o novo ministro das finanças já apresentou ás côrtes o orçamento, em conformidade da lei que para isso marca o dia 15 de janeiro. Nos quatro dias que o governo teve para o revêr realizou côrtes nas despesas e calculou aumentos na receita, que reduzem o deficit previsto de seis mil contos a tres mil, cifras redondas. Não é facil compreender como em tão pouco tempo se poude refletidamente fazer o que outros ministros não conseguiram em mezes, mas só as comissões de finanças do parlamento e a discussão parlamentar é que poderão verificar o valor deste extraordinario trabalho e a sua exequibilidade.

DR. RODRIGO RODRIGUES, ministro do interior, é medico tendo exercido sua profissão na India e em Africa. Depois de proclamada a Republica, exerceu os cargos de governador civil de Aveiro e do Porto, que desempenhou bem, sendo-lhe ultimamente confiado o cargo de diretor da Penitenciaria de Lisboa, comissão difficil em que se tem havido com inteligencia e bom criterio.

DR. ALVARO XAVIER DE CASTRO, ministro da justiça, é capitão de infantaria e bacharel formado em direito, deputado e membro do Conselho Superior de Administração Financeira do Estado. E' filho do sr. dr. José de Castro, diretor geral do ministerio da justiça e senador. O sr. dr. Alvaro de Castro tem advogado em Lisboa e escrito na imprensa.

PEREIRA BASTOS, ministro da guerra, é major de artilharia, chefe do estado maior da 1.ª divisão militar, considerado na sua classe como tecnico de valor. Deputado, tem no parlamento discutido com proficiencia os assuntos militares.

DR. ANTONIO MACIEIRA, ministro dos estrangeiros. Já foi ministro da justiça no ministerio da presidencia do sr. dr. Augusto de Vasconcellos. Por essa ocasião o OCCIDENTE publicou as suas notas biograficas, a que ha agora a acrescentar, a sua attitude energica na execução da lei de separação da Igreja do Estado, de que resultou o desterro de alguns bispos, e bem assim as leis de excepção para julgamento de crimes politicos.

JOSÉ FREITAS RIBEIRO, ministro da marinha, é capitão tenente da armada, foi ministro das colonias no ministerio do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, pasta que deixou em virtude da crise provocada pela bem conhecida questão do caminho de ferro de Ambaca.

ANTONIO MARIA DA SILVA, ministro do fomento, é engenheiro e nessa qualidade foi-lhe confiado pelo governo provisório o cargo de diretor geral dos correios e telegrafos, sendo tambem commissario do governo junto da Companhia dos Tabacos. Tomou parte muito ativa na revolução como chefe de um dos grupos carbonarios. E' deputado.

DR. ALMEIDA RIBEIRO, ministro das colonias, é bacharel em direito formado em 1885, tendo feito sua carreira de juiz com muita distincão no ultramar, donde regressou ha poucos anos, sendo colocado na Relação de Lisboa. A sua residencia em Africa de perto de 20 anos, permitiu-lhe estudar bem aquele país, sobre que escreveu, conhecendo os assuntos que mais interessam á sua boa administração. Pertence á Sociedade de Geografia de Lisboa, onde tem feito parte de diversas comissões relativas ás colonias.



M... dizia mal de um de seus amigos.

— Julgava que lhe era obrigado...

— Qual! Ha tempos prestou-me um obsequio, é verdade, mas depois recusou-me um segundo... Estamos quites!

Politica, e politica

«Nada ha, tão digno de impôr-se á razão como a sciencia de governar. Semelhante sciencia tem para objecto a felicidade publica, e é a mais util e mais nobre das sciencias humanas.»

La Science du Gouvernement, par M. de Réal, Paris, 1765.

Não me parece que o tempo corra para ser desperdiçado, em parte alguma do mundo e muito menos em Portugal.

Aqui, operou-se uma revolução que banii a realza e implantou as instituições democraticas ou, antes e melhor, pretendeu implantal-as.

Por enquanto, estão a gerar-se, e não pôde ainda prevêr-se o quanto representará esse periodo operatorio em numero de anos!

Anos, sim: condenou-se o sistema de governar até outubro de 1910, insistiu-se no escandalo dos adeptamentos, proclamou-se aos quatro ventos a imperiosa necessidade de instruir e educar este admiravel povo, pleno de analfabetismo e explorado por mil jesuitas de roupêta e por outros tantos sem roupêta, mas perfeitos comediantes, genuinos prestidigitadores.

Uma verdade avulta e avoluma no scenario macabro: a mentira com fóros de razão, a mediocridade e incompetencia com fumos de saber!

O espectáculo brilhantissimo da Republica brasileira, a proxima futura rival opulenta da grande patria de Jorge Washington, vê-se, clara e tristemente, que de pouco, de muito pouco serviu áqueles que se propunham evangelisar para a posse da Liberdade, da Justiça e do Direito a nação irmã, o minúsculo berço de Pedro Alvares Cabral, que a data aliás gloriosissima do 1.º de Dezembro de 1640, constituiu em feudo e apagnio de uma familia degenerada!

Entretanto, não devo fugir a um assérto categorico: era falha de homens de cunho a dirigencia monarchica dos derradeiros tempos e de idêntica falha tem sido padecente a governação politica sucessora!

De isto, não cabem responsabilidades a ninguém, mas de basofia, de impostura, talvez de má fé.

Vou empregar, com applicação ao caso, as significativas expressões de um illustre francez, ha muito nas sombras da morte, Alexis de Tocqueville (*De la Démocratie en Amérique*):

«Quando instruido ácerca dos seus verdadeiros interesses, o povo compreenderia que para tirar proveito dos beneficios da sociedade é necessario aceitar-lhe os encargos.»

As coisas são o que são, e sempre os efeitos derivam naturalmente das suas proprias causas.

Agora, por exemplo, acabei de folhear o livro encantador do simpatico diplomata Assis Brasil, dado á estampa, em Lisboa, no ano de 1896, sob o titulo — *Do Governo Presidencial na Republica Brasileira*, e li esta interrogativa perentória:

«A hypocrisia será preferivel á sinceridade?»

Similhante preferencia, foi e continúa sendo para nós um grande mal, uma delinquencia moral gravissima e irreparavel.

Escreveu, em obra ainda recente (*Ensaio de Politica Racional*) um magistrado atilado, F. A. Pinto:

«Para que a vida social importe a felicidade das pessoas associadas é preciso que o voto seja livre, e que as pessoas sejam racionalmente preparadas para a liberdade d'elle, e para o exercicio da auctoridade que elle concretisa. Só assim poderá o esforço de cada pessoa, corroborado com o de todas as outras, attingir a felicidade que a Sociedade Racional cria, e destina á fruição consciente de cada pessoa.»

Ora, é assim, que ordena o são juizo e o criterio equilibrado que se faça, em continuidade assente, em propaganda doutrinaria de factos.

Contribuições, demagogias, esbulhos, atentados, conduzem os povos á canga oppressora, como consequencia fatal e contudo logica de desacerto politico, de mal governar.

A imprensa não realiso com imparcial isenção, o seu papel conciliador e de sugestão empolgante, que se lhe abria com facil acesso, após os dias vitoriosos de Outubro, e não se mantiveram em linha de serena correção (a civilidade nada

custa) muitos a quem competia o salutar exemplo de alto.

Houve, por isso, frequencia de enganosa, testemunhas de fraude, e, por fim, perigosas desilusões completas!

Gastou-se, pelo visto, em demasia, e de degrau tem servido o povo para o enorme sudario de espantoso interesseirismo egoista!

Ha, uma palavra de Sismondi (*Études sur les constitutions des peuples libres*) que quero inserir n'este logar:

«O homem é instruido pela imitação e é animado com o exemplo;...»

Onde possuímos a galeria de imitações; onde existe o exemplo modelar?!

Afigura-se-me que vivemos, assustadora e impudentemente, esquecidos de uma coisa que deveria orientar a nossa memoria e os nossos actos: de que «Hay que equilibrar entre si todas las diferentes ramas del trabajo social, para que ellas formem un todo armónico y completo.» *La Monarquia y el Siglo*, por José d'Arriaga, Madrid, 1902.

Poucas vezes, como no presente momento, heitido a ventura de expôr muitissimo, como transcrever um só periodo alheio, qual o precedente, profundo, compendioso!

Os nossos homens de mando, porém, entreteem-se com retórica e brindes, com solercias e enfados!

Pois não é asinho o ensejo nem de molde a ocasião; mas para esforço diligente na causa comum, — a da nacionalidade autonoma, e para dedicada congregação individual de vontades, na rumo do poder.

Por este modo, entendo eu, ficaria revelado com patente eloquencia operosa, o ideal de integramento da familia portugueza, em que tanto se rima e que deveras cumpre levar a efeito sem mais delongas.

Acabe o recurso a boatos e a pavorosas: apenas na mente do imortal cantôr surdiu o famoso gigante, não em realidade.

Preciso é, de facto e de direito, uma d'estas duas coisas: ou que os que se apregoam como chefes e homens de governo se entendam como taes, na sciencia administrativa, á testa dos negocios publicos e ao leme da nau do Estado, ou, então, retraindo-se á voz do bom senso e á fiel interpretação da situação actual, que o povo empunhe o latego decisivo e expulse do templo aruinado todos os vendilhões, sem quartel de nenhuma especie!

Será, por ventura, a solução forçada, a extrema e redentora filosofia, ao favor da qual, por certo, algum dia, em suma, terá valorisação no planeta, o dizer profético de Molinari (*L'Évolution politique et la Révolution*):

«O Estado operario sucederá ao Estado burguez, como este sucedeu ao Estado aristocratico e clerical.»

Politica, e politica! «Bom é que as sociedades aspirem ao acrescimo da parte que lhes toca no governo. Similhante aspiração fornece meios de resistencia aos abusos para que tendem os poderes que as dominam.» (*Des Formes de Gouvernement et les Lois qui les régissent*, por Passy).

Instruamo nos e eduquemo-nos; liguemo-nos todos no proposito da maxima extensão da Universidade livre, unidos pelo conceito moral de ir-mãos e pela viril coragem do trabalho!

Eis, sem duvida, a melhor base social, a fundamentalissima politica!

31-12-912.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Exposição de pintura de João Vaz

Sucedem-se agora as exposições de arte com uma assiduidade que desbanca o mais pontual amanuense, que se lhe enbrancam os cabelos na sônolenta tarefa diaria de escrever officios; mas cada qual faz o que sabe ou aquilo para que nasceu.

A mim muito me alegra vêr esta actividade da arte, no meio de tanta indolencia indigena, destacando-se melhor os que trabalham, acaso sujeitos á critica dos que não fazem nada.

A exposição de pintura de João Vaz, na sala da casa Piccadilly, do Chiado, é a terceira deste

genero que, no curto espaço de um mez, o publico de Lisboa tem podido visitar e os amadores apreciar,

Assim se vae criando o gosto pelas coisas de arte, que são o barometro marcante da civilisação de um povo.

João Vaz é diretor e professor da Escola Industrial Afonso Domingues, de Xabregas, e pertence á geração de artistas que ha trinta anos sahiram da Academia de Belas-Artes de Lisboa, educados sob a influencia de Silva Porto, o grande mestre da nova escola de pintura de paisagem em Portugal.

João Vaz, porém, tomou uma feição mais sua conforme ao seu temperamento, de modo que os seus quadros de marinhas, de paisagem ou de arquitetura, distinguem-se facilmente dos de outros artistas, quer no desenho e composição quer no colorido.

Vinte e quatro são os quadros que apresenta nesta exposição. E' o trabalho de um ano, nas horas disponiveis dos seus encargos de professor.

Os assuntos desses quadros foram colhidos nas digressões que fez cá pela Extremadura, desde Cintra até Leiria, de que reproduz um lindo trecho de paisagem em que avulta o formoso e historico castelo. E' este um dos melhores quadros da exposição, assim como o que tem por titulo, *O velho caes (Setubal)*, assunto maritimo, mais de seu gosto, e terra em que nasceu e foi acalentado ao som do marulhar das ondas sobre a extensa praia da risonha cidade.

Em Setubal tem feito sempre a maior colheita para seus quadros, encontrando lindos pontos de paisagem e interessantes assuntos da vida maritima, belos efeitos de côr e de luz, como se observa no quadro *Entardecer*.

O quadro *Interior da igreja da Madre de Deus* é bem pintado, como o do *Claustro (Se de Lisboa)*, e em todos se aprecia boa tecnica, notando-se que o pintor modificou um tanto o processo de certa avareza de tinta, que usava e que prejudicava um pouco o efeito da sua pintura.

João Vaz é hoje um dos melhores paisagistas portuguezes, como prova nesta exposição, que está sendo muito visitada e onde os amadores de pintura teem feito boa aquisição de quadros.

CAETANO ALBERTO.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A Guerra dos Balkans

Perante a exigencia formal dos alliados balkanicos para que a Turquia lhes abandonasse todo o seu imperio da Europa com excepção do reduzido *hinterland* de Constantinopla, o plenipotenciario ottomano Rechid-pachá não teve remedio senão acabar por ceder todos aquelles vastos territorios. Adrianopla, porém, cuja resistencia se mantem, embora soffrendo os maiores horrores da fome e da miseria, não pôde ser desmembrada do imperio turco, bem como as ilhas do mar Egeu.

Os alliados não admittiram restricções e dirigiram um *ultimatum* á Sublime Porta.

Além d'estes obstaculos para a paz, temos ainda a questão da compensação exigida pela Rumania á Bulgaria, e a delimitação da Albania, problemas assaz complicados para os alliados balkanicos, que d'ora ávante ficam completamente á mercê das grandes potencias.

Adrianopla é incontestavelmente o maior escolho, onde d'um momento para outro poderão ir naufragar as negociações. Espera-se que a nota das potencias ao governo ottomano, insistindo com a Turquia para que ceda esse grande baluarte historico, tão ambicionado pela Bulgaria, venha desanuviar o horisonte europeu, bastante carregado na primeira quinzena d'este mês.

Crê-se que a tenção turco-balkanica, agravada pela recusa de Rechid-pachá na conferencia de Londres, foi attenuada pela longa entrevista, nas linhas de Tchataldja, entre o general Lavoff, e os ministros turcos Nazim-pachá e Noradunghian Effendi. Estes conferenciaram em seguida com o Sultão, mostrando-se convencidos de que a paz vae ser assignada.

Os bulgaros, ansiosos pela posse immediata de Adrianopla, accederam a todas as objecções do Sultão com respeito á entrega dos tumulos dos seus antepassados, estando a Bulgaria de

Exposição de Pintura de João Vaz

acordo em que se concedam direitos de exterritorialidade ás mesquitas, monumentos historicos e doações religiosas, que seriam propriedade do Sultão.

A grande mesquita do Sultão Selim II, estaria n'essas condições especiaes, constituindo propriedade do Sultão em uma Adrianopla bulgara.

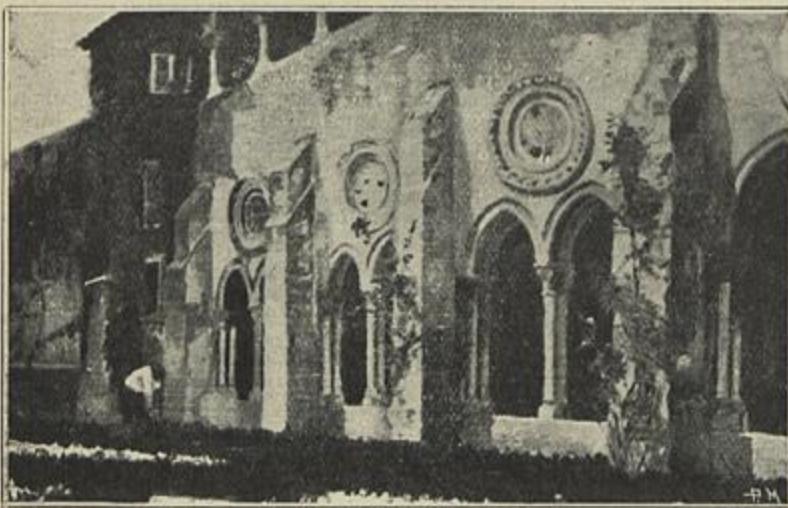
A proposito diremos que essa maravilha de architectura foi construida no seculo xvii, e que o Sultão Selim, vendo nesse soberbo templo a mais admiravel construcção do imperio, ordenou que o seu architecto fosse executado, depois de terminada a obra, a fim de que este não viesse a erigir outra que lhe fosse rival. Esse architecto, um bulgaro chamado Sinan, informado da sentença do Sultão, tentou fugir da cidade, atirando-se, diz a lenda, do



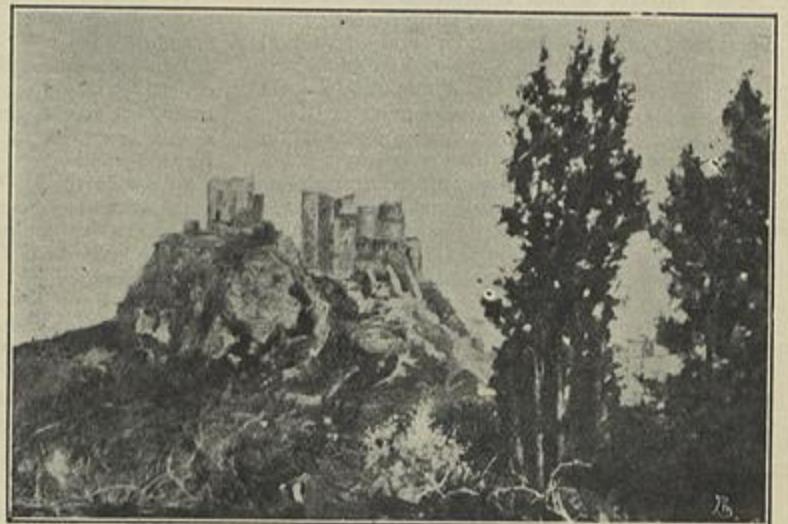
ENTARDECER (SADO)

Diz-se que a occupação de Ymbros, Tenedos e Thassos poria os Dardanellos á mercê da Grecia; mas a verdade é que essas ilhas, longe de dominarem os estreitos, estão sujeitas ás investidas da esquadra ottomana, sob a protecção dos fortes, como succedeu a 22 de dezembro ultimo.

Na opinião de Venizelos, a Grecia não pede territorios; exige apenas que seus filhos lhe entrem no seio, fazendo novamente parte do estado grego. As ilhas do Egeu são gregas desde os primeiros dias da sua historia e ficaram gregas desde a queda de Constantinopla. Actualmente ha naquellas ilhas 469.775 gregos, numa população de 498.585 habitantes, em que se comprehendem 4.158 judeus e estrangeiros e 24.652 musulmanos. Os habitantes das



CLAUSTRO (SÉDE DE LISBOA)



CASTELO DE LEIRIA

ultimo minarete da mesquita, depois de se ter prevenido contra uma queda fatal por meio d'umas azas ligadas aos hombros O engenho falhou, e o pobre Sinan morreu esphacelado no solo.

Com respeito á posse das ilhas do mar Egeu pelos gregos, teem surgido divergencias tanto por parte dos allia-dos e da Turquia como pelas grandes potencias. A *Triplice-entente* apoia os gregos e a *Triplice-alliança* é d'opinião que a Turquia fique na posse das ilhas proximas das costas, especialmente proximo dos Dardanellos.

Os gregos baseiam as suas pretensões á posse das ilhas do mar Egeu nos seguintes pontos:

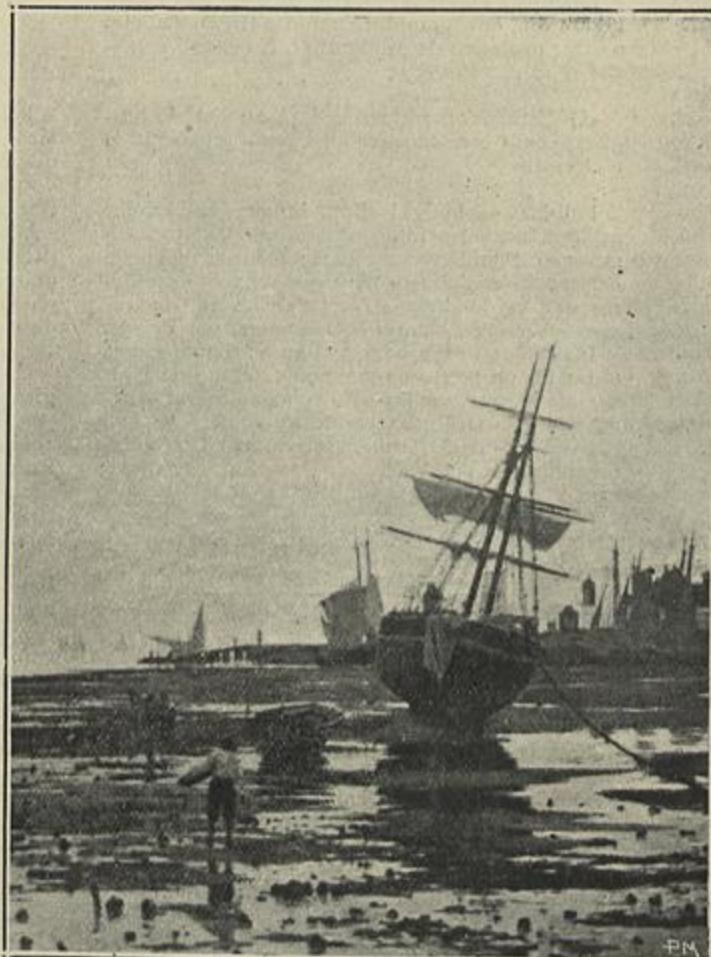
1.º A occupação d'aquellas ilhas pelas tropas gregas é um facto consumado e a Grecia póde invocar o direito de conquista e de posse;

2.º Essas ilhas fiseram sempre parte da grande familia grega, e os seus habitantes bateram se em 1821 com os gregos para se libertarem do jugo turco;

3.º As ilhas do mar Egeu, bem como as de Chios e Mytilene, são habitadas por populações gregas, e fazem parte das que a Grecia libertou;

4.º E' de interesse evidente para as potencias, para a Asia Menor, para a Turquia e para a Grecia, que esta ultima nação fique de posse das ilhas, as quaes, como Chios e Mytelene, podem vir a ser novas Cretas, que perturbem a paz europeia;

5.º A Grecia quer viver em boas relações com a Turquia e em duradoura paz com os seus visinhos da Asia Menor, podendo assegurar a paz em taes regiões.



O VELHO CAES (SETUBAL)

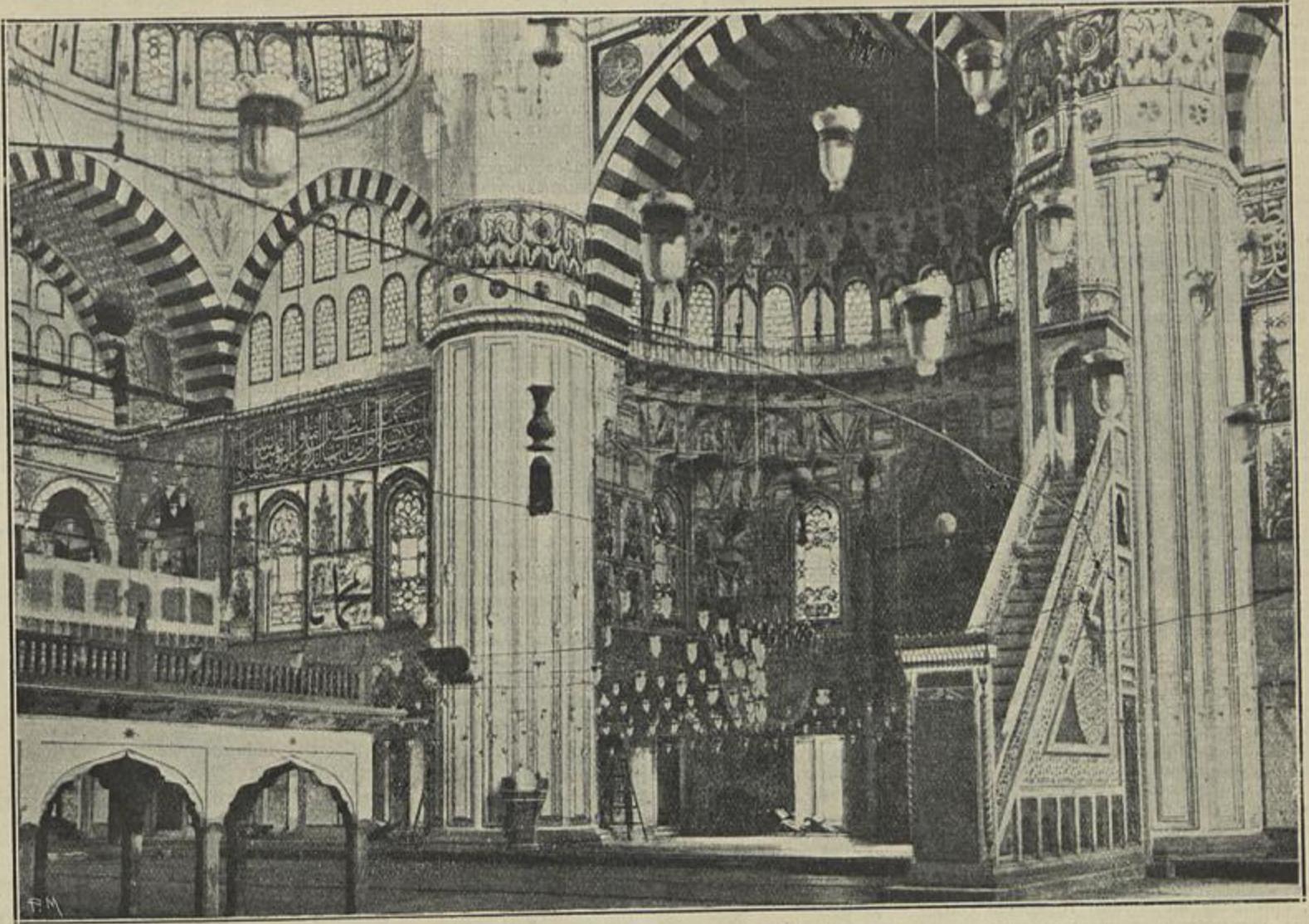
ilhas falam o grego mais puro, e a influencia intellectual e moral da Grecia manifesta-se por 494 escolas gregas, com 699 professores e 273 professoras, tendo uma frequencia de 46.757 crianças. A religião é grega, como o provam as numerosas egrejas consagradas ao culto orthodoxo, repartidas pelas sete dioceses: Methymna, Mytilene, Samos, Chio, Cassos, Patmos e Rhodes.

Não é pois d'uma conquista que se trata; é d'uma restituição, comprehendendo as ilhas occupadas pela Italia, durante a guerra da Tripolitana, e que ella ainda não abandonou. Em virtude do tratado de Londres, de 6 de junho de 1827, para a pacificação da Grecia, confirmada pelo protocollo da conferencia realizada no Foreign office a 16 de novembro de 1828, as ilhas do Archipelago não fazem *officialmente* parte integrante do imperio ottomano, e foi com justa razão que o senado grego, em 12 e 24 de abril de 1830, protestou contra a retro cessão illegal d'essas ilhas á Turquia, que d'ellas havia sido despojada em proveito dos gregos, de 1821 a 1830.

As razões invocadas pela Grecia ha 83 annos teem hoje ainda mais força. Mais que a Macedonia, mais ainda que o Epiro, as ilhas, comprehendendo Creta (essa ilha martyr que ha tantos annos lucha pela sua reunião á mãe patria) e Samos (a que os gregos pretendem tambem juntar Chypre) teem direitos imprescriptiveis que a Europa muitas vezes reconheceu e que tem o dever de sancionar.

Outra questão ainda embrulhada, e que tem perturbado a conclusão da

A guerra dos Balkans



VISTA INTERIOR DA GRANDE MESQUITA DO SULTÃO SELIM II, EM ADRIANOPLA



TEATRO DA TRINDADE

A OPERA «O SOLDADO CHOCOLATE», 1.º ACTO, AUZENDA DE OLIVEIRA, TEREZA TAVEIRA, PALMIRA BASTOS E MEDINA DE SOUSA

(Cliché A. Lima)

paz, é a das compensações exigidas pela Rumania á Bulgaria, em paga da sua neutralidade, seguindo a moderna doutrina preconizada pela Alemanha, que lhe tirou bom proveito no convenio franco-alemão sobre Marrocos, abotoando-se com uma parte do Congo francês.

Parece fóra de duvida que os rumenos, na previsão d'uma victoria turca, se decidiram, de accordo com a Austria-Hungria, sua alliada, a manter absoluta neutralidade (embora deixando passar armamento e munições com destino á Turquia) que lhes havia de ser generosamente paga pelo vencedor. O resultado da guerra excedeu toda a expectativa, e a Rumania, entendeu que era occasião de renovar a famosa questão de territorios a que se julga com direito, desde que a Russia, sua alliada na guerra de 1877, contra a Turquia, lhe tirou a Bessarabia, provincia que era muito sua e onde conta muitos de seus filhos.

A Rumania quer a fortaleza de *Sillistria* e o territorio adjacente para arrendar a *Dubrudja*, mas o governo bulgaro, que se negára a ceder um porto commercial na bahia de Varna, oppõe-se á cessão d'aquella fortaleza comprehendida no quadrilatero *Sillistria-Dobritch-Chumla-Giurgevo* (*Rustchuk*), cujas propriedades militares foram muitas vezes postas em evidencia e que, por isso, a Bulgaria deve a todo o custo manter. O governo de Bucarest, na previsão de um rompimento, já entrou de fazer a mobilização de tropas e diz que póde dispôr de 300.000 homens, que rapidamente tomariam os territorios em litigio. Não ha duvida de que a Turquia tem sabido protelar a solução da partilha do seu vasto imperio, aguardando as dissensões que naturalmente haviam de surgir entre os seus rivaes. A Austria-Hungria por seu lado tambem tem fomentado essas divergencias, com a mira de impedir a formação d'uma grande potencia slava que lhe interceptaria o caminho para o Oriente.

A Russia, que, como a Inglaterra, está muito interessada em que não se levante a questão dos estreitos, não quer a guerra, e nem mesmo poderia agora fazê-la porque está empenhada na solução do problema da Mongolia, a qual se separou do grande imperio chinês e está, por assim dizer, enfeudada ao imperio russo, em consequencia d'um tratado que assegura ao commercio e á industria d'essa nação quasi completa liberdade em toda a Mongolia. Por esse tratado a Russia póde adquirir terras, abrir succursaes bancarias, obter gratuitamente concessões mineiras e florestaes; tem o direito de livre navegação nos rios e de fazer escala por toda a parte; curso livre de estradas e pontes, até a faculdade de lançar impostos!

A jovem republica chinesa protesta contra essa invasão russa, e já se estabeleceu a *baycottage* das mercadorias russas, pensando-se no recurso ás armas, mas o thesouro está vazio e sem dinheiro a guerra não existe.

Sun Yat-Sen, o heroe da revolução chinesa, enviou aos dirigentes da republica um manifesto em que se contem estas palavras:

«O povo chinês, cujos progressos teem sido rapidos e nos quaes o patriotismo despertou com uma força extraordinaria, quer a guerra. Da guerra não provem a morte, mas sim a vida. Adquiri a convicção de que uma guerra externa é não sómente para desejar, mas até necessaria, para permittir a reorganização interna da nação. Ella assegurará a salvação da patria.»

Lisboa, 17 — 1 — 913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

Monumentos de Portugal

O Convento da Batalha

(Continuado do n.º 1225)

El-rei D. João I de Castella, embora desfavorecido da fortuna, não abandonára a sua pretensão ao throno de nossos reis. Levantando o cerco de Lisboa, e retirando-se pressuroso para os seus estados, um unico pensamento lhe absorvia todas as faculdades d'alma, um só cuidado lhe occupava todo o tempo depois de entrado em Castella: era obter pela força o que os portuguezes lhe negavam

pelo direito. Não iam interessados n'isso simplesmente o capricho e a ambição de um soberano. Fazendo valer os pretendidos direitos da rainha sua esposa, e a mais vantajosa condição de um tratado de paz, realisava ao mesmo tempo o sonho doirado dos reis seus predecessores e de todos os castelhanos, e limpava a nodoa que o valor dos portuguezes lançára sobre a sua corôa real e sobre as armas de Castella.

Invoca, pois, os brios nacionaes; chama em torno das suas bandeiras a melhora da nobreza de Castella e Leão, os populares mais esforçados, e quantos estrangeiros queiram vir servir a seu soldo. Empenha os recursos do paiz; lança mão de todos os meios; apresenta-se por todos os modos para vencer em transe de honra, em lucta desesperada. E eis-o transpondo as raiaes da Beira, á frente de um exercito de trinta e um mil homens, em cujo numero se contavam oito mil de cavallo, e muitos centenaes de francezes, navarrenses e gascões.

Ao mesmo tempo que tão potente exercito se dirigia ao coração do reino, a armada castelhana, composta de quarenta náos, doze barcas, dez galés, tres lenhatos e cinco barchotas, surgia no Tejo, e se estendia em linha por diante da cidade de Lisboa.

O mestre d'Aviz apenas conseguiu pôr em campo seis mil e quinhentos homens, em que entravam só mil e setecentos de cavallo.

Quem não daria tudo por perdido, vendo tamanha desigualdade de forças e a maior parte da nobreza da nação no arraial inimigo, e as principaes fortalezas e praças de guerra obedientes á voz de Castella? Mas não tremeram, apesar de tudo isso, nem duvidaram da victoria o mestre d'Aviz e D. Nuno Alvares Pereira, o denodado mancebo, pouco antes elevado ao supremo cargo de condestavel.

Ao alvorecer do dia 14 d'agosto de 1385, descia a pequena hoste portugueza dos oiteiros visinhos do logar d'Aljubarrota para uma vasta planicie povoada de urzes, onde passava a estrada real. Fazendo alto foi posta immediatamente em ordem de batalha, aguardando o inimigo que as noticias davam sahido de Leiria com direcção a Lisboa, e que a todos os momentos ali era esperado.

Collocadas as tropas convenientemente, segundo a tactica de guerra então usada, o condestavel tomou o commando da vanguarda; el rei ficou na reatguarda á frente do corpo de reserva; e por detraz de tudo os carros e mulas da bagagem, arranjados a modo de trincheiras, e defendidos por muitos peões e besteiros, além dos pagens, e dos homens de serviço, ou bagageiros.

Assim que el-rei viu tudo prestes, aproveitando o tempo que lhe dava o inimigo, cuidou de se reconciliar com Deus, e de implorar a intercessão de Maria Santissima. Depois de se confessar ao arcebispo de Braga, D. Lourenço, que o acompanhava armado como cavalleiro, e tendo recebido a communhão das mãos do mesmo prelado, prostrou-se humildemente diante de uma imagem da Virgem, que trazia em seu oratorio, e supplicando a sua protecção para as armas portuguezas, fez voto, entre outros, de erigir e dedicar-lhe um sumptuoso mosteiro, se lhe concedesse a victoria na batalha que ia pelejar.

Acabada a oração, voltou para o arraial, e poz-se a armar cavalleiros varios mancebos, com o que excitára o enthusiasmo das tropas.

Era meio dia quando assomou o exercito castelhana na ladeira de um monte, descendo tambem para o valle. Assoberbava a terra aquella immensa multidão de gente armada, e aquelle exercito talvez ainda maior, que vinha na reatguarda conduzindo as bagagens. O sol fazendo scintillar as lanças reluzentes, e as armaduras de fino aço de tantos fidalgos, que el-rei de Castella trazia comsigo, augmentava o effeito d'aquella vista, effeito bello e maravilhoso para quem o podesse gosar sem preocupação, mas aterrador, de certo, para um inimigo incomparavelmente mais fraco pelo numero, e pela qualidade do armamento.

Perceberam o mestre d'Aviz e o condestavel a impressão desanimadora que tal vista fizera em seus soldados, e sem lhes dar tempo a que o desalento ganhasse forças, correm por todas as fileiras com rosto alegre, ora invocando o nome da patria, ora estimulando os brios nacionaes. A uns recordavam lhes a superioridade do valor portuguez em tantos combates de que saíram vencidos os castelhanos, sendo elles muitos e os nossos poucos. A outros pintavam-lhes em quadros de vivas côres a sorte de Portugal, se caísse nas garras do leão de Castella.

Fallando assim, os seus rostos tornaram-se tão radiantes e as suas palavras saíam-lhes dos la-

bios tão cheias de convicção, que as suas esperanças e o seu ardor se communicaram a toda a hoste portugueza como por effeito de magnetismo.

Entretanto tinha el-rei de Castella disposto o seu exercito em ordem de batalha; de modo que rompeu a peleja tendo os nossos as faces ainda afogueadas pelo enthusiasmo, que lhes acenderam no peito as phrases patrioticas d'el-rei e do condestavel.

Foi terrivel o accommetimento das duas hostes. Os castelhanos, conscios da sua força, e julgando envolver e desbaratar no primeiro encontro tão fraco inimigo, caíram furiosos sobre os nossos ao som da sua grita de guerra *Castella e Santiago*. Os portuguezes, fortalecidos pelo amor da patria e da liberdade, e cheios de fé na santidade da sua causa, bradando *Portugal e S. Jorge* repelliram o inimigo com incrível valentia. Mas este, repetindo os ataques, e sempre crescendo em numero, punha os nossos em grande aperto e difficuldade.

D. Nuno Alvares Pereira, espalhando a morte entre os adversarios a cada bote da sua espada, fazia prodigios de valor á frente da sua phalange.

(Continua.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

NECROLOGIA

Eduardo Garrido

Deixou de existir o chistoso author dramatico Eduardo Garrido, que durante meio seculo fez despertar a gargalhada em todos os theatros de Portugal e do Brasil, sem que uma só das suas alegres producções deixasse de agradar extraordinariamente.

Nenhum author nacional se póde gabar de tão lisongeiro exito, nem mesmo Garrett, que apesar da belleza do dialogo, não conseguiu que a *Sobrinha do Marquez* obtivesse agrado.

A noticia de que — morreu o Garrido! morreu o Garrido! chegada por telegramma de 20 de dezembro, da quinta das Gaeiras, em Obidos, onde elle se hospedára em casa de seus sobrinhos, depois do seu regresso de Paris, causou dolorosa impressão não só em todos os interpretes das suas peças mas geralmente no publico, que tanto se divertiu com ellas no decorrer de tantos annos.

O *Dia*, dando aos seus leitores a triste nova, lamentava o triste destino desses homens que sobre os seus hombros, tomam o penoso encargo de fazer rir a humanidade!

Um dia, a morte leva-os e as gerações que vibraram de alegria ao guisalhar do seu espirito scintillante, mal volvem os olhos para o seu tumulo, esquecidos de que atraz do gargalhar do artista, estava uma alma que soffria!

Creemos que no Brasil, onde o illustre author viveu alguns annos, victoriado nos theatros e cercado de sympathias, a noticia do seu passamento, não causará impressão menos sentida de que provocou aqui, no seu paiz.

Foi victima, como seus irmãos, de uma angina pectoris, aggravada pela lesão cardiaca.

Foi de collaboração commigo e Alfredo de Athaide, author da comedia *O Tio Torcato*, em que Tabor da deliciosa o publico em mais de uma centena de representações, que Eduardo Garrido se estreiou em 29 de outubro de 1859 com a comedia original *De Noite Todos os Gatos São Pardos*, no theatro do Gymnasio.

Depois, demos ainda em collaboração no mesmo theatro, a comedia em 3 actos, *O Dr. Paz*, personagem que, pensando harmonisar tudo, provocava sempre a guerra entre os que procurava congraçar. N'ella punha o Garrido na bocca da *soubrette*, cantarolando:

O meu coração é bruxo
Aprendeu a feiticeiro,
Adivinha só as cousas
Quando lh'as dizem primeiro.

E no final:

Veio hoje lançar a guerra,
Onde só reinava a paz,
O maldicto doutor Guerra
Co'o nome de doutor Paz.

Se a peça algum erro encerra,
E acaso lhes não apraz,
Castiguem o doutor Guerra
Mas salvem o doutor Paz.

Quando tomei conhecimento com Eduardo Garrido contava elle 17 para 18 annos.

Eu havia fundado então com Julio Cesar Machado, o saudoso folhetinista da *Revolução de Setembro*, o semanario *Ecco Litterario*, onde collaboraram Lopes de Mendonça, Mendes Leal, Latino Coelho, Zaluar, Bulhão Pato, Sant'Anna e Vasconcellos (Visconde de Nogueiras) e outras notabilidades d'aquel e tempo.

Cesar Machado apresentou-me um dia o Eduardo Garrido para lhe rever uns versos que desejava publicar, em resposta a outros que Francisco Palha, engraçado author da *Fabia*, muito intimo de sua familia, escrevera a sua irmã, nos termos seguintes :

Sabe, Henriqueta bella,
Que o formidavel jumento
Do balão, fez testamento
E deixou-te esta barbella.
Onde a pões, que fazes d'ella?

Alludia ao burro que ia pendente do balão em que Poytevein fez a sua viagem aeria, saindo da praça dos touros do Campo de Sant'Anna.

Garrido respondeu em nome da irmã:

Se o jumento do balão
Te fez seu testamento,
E' de amigo verdadeiro,
Prova é de gratidão ;
Mas não creio que o coitado
Deixasse a barbella a mi,
Porque estando tu ali
Tinha um herdeiro forçado.

Francisco Palha e o seu companheiro da Universidade, João de Lemos, eram legitimistas a quem os constitucionaes alcunhavam de burros.

Foi desde essa apresentação, em que logo se revelou o talento do futuro e notavel litterato, que entrámos em intimas relações.

Garrido manifestou desejo de escrever uma peça, mas não conhecia ninguem nos theatros e como eu tinha já escripto para elles, propoz escrever uma de collaboração commigo e o author do *Tio Torcato*, para mais facilmente se estrear.

E assim se realisou com a comedia a que adiante nos referimos.

Garrido era por indole e costume esquecido, abstracto, indolente e modesto. Nada poderia haver que o inquietasse.

Muitas noites, escrevia de collaboração em minha casa e foi n'uma dellas que Santos Pitorra, como então era conhecido o celebre actor que veio a conquistar logar proeminente no theatro normal, instou para lhes escrever uma poesia comica, no genero do *Namorado de officio* que lhe havia composto para recitar no Gymnasio.

Garrido procurou logo o assumpto, *O Prego*, e em menos de meia hora escreveu as seis primeiras estorpes que José Carlos dos Santos, muito satisfeito, levou logo para as estudar. Eduardo, entregue sempre ás suas abstracções na colheita de effeitos e trocadilhos, em que era felicissimo, nunca mais pensou em concluir a poesia.

A festa do actor estava á porta, quando elle novamente nos appareceu, allegando ter já anunciado *O Prego* e clamando contra a demora. Garrido faz-lhe a promessa de lhe dar a conclusão no dia immediato, mas Carlos dos Santos senta-se e protesta que não arredará pé d'alli, enquanto elle lh'a não acabar, para ter tempo de poder estudal-a.

Garrido, em tudo condescendente, satisfiz-lhe a exigencia e era perto de 1 hora da noite quando traçou a ultima estrophe que Santos recebeu, saindo radiante, como vendo-se livre de grande aperto.

Garrido ficou bocejando, depois de haver despejado grande somma de fina pilheria e disse-me extenuado: Olha lá, se te não incommodo, fico hoje cá.

A minha familia estava ausente a banhos e eu da melhor vontade punha á sua disposição o meu quarto, recolhendo a outro.

Mal rompia o dia, grande campainhada á porta. O creado que se deitára ainda mais tarde não ouviu. Levantei-me á pressa receiando alguma má nova de minha familia.

Fui abrir e então entra, esbaforido o pae de Eduardo muito afflicto, perguntando se sabia o que era feito do filho. «Não se apoquento, lhe disse, venha commigo.» E levei-o em frente da

porta do quarto que lhe abri, mostrando-lhe estendido no leito, Garrido, rosomnando estrepitosamente.

O pae chega-se á cabeceira e despertando-o, exclama: Então, sem mais novas nem mandados deixas tua mãe, irmãs e a mim, em serios cuidados!

Garrido, estrominhado, esfrega os olhos, encara o pae e balbucia:



EDUARDO GARRIDO AOS 22 ANNOS (1864)

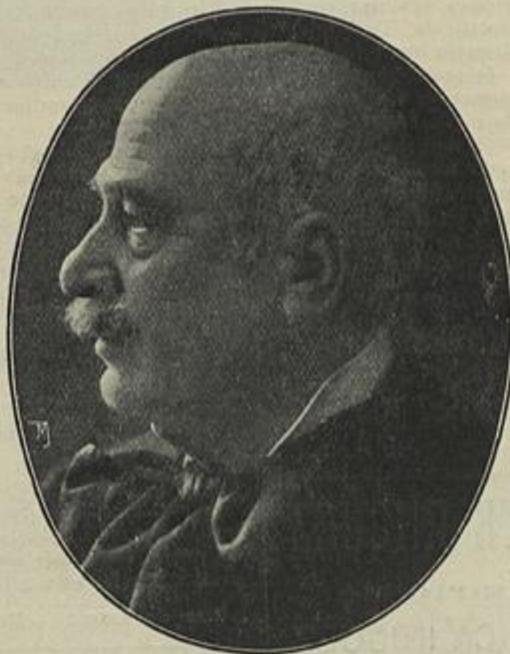
(Fotografia de A. Saçerac, de Lisboa)

— Desculpe, meu pae, era já tarde quando me preguei a concluir o *Prego* ao Santos Pitorra e caí com somno. O Serra é que teve a culpa, que ajudado pelo creado me trouxe adormecido aqui para a cama e não mandou a casa avisar por ser tarde e não querer incommodal-os. Ralhe com elle!

— Este rapaz! Este rapaz! exclamou por fim o amoroso pae, tranquillizado, desculpando-se de me ter feito madrugar.

Era assim o seu feitio e n'essa paz d'alma o conhecemos sempre, até que foi residir em Paris pelo anno de 1875, onde casou e enviuvou deixando uma filha que casou com Mr. Gustave Jourdan residente em Neuilly sur Seine, rua Arantrosier, 7.

A serie dos grandes successos que alcançaram os seus trabalhos começou pela *Pera de Sata-naz* e *Pomba dos ovos d'ouro*, que obtiveram no theatro de *Varietades* o mais brilhante resultado.



EDUARDO GARRIDO, EM 1908

(Fotografia Guedes, do Porto)

O auditorio não estava costumado a ouvir chistes de tão fino e apurado bom gosto a que respondiam gargalhadas e applausos.

Tendo o empresario Pinto Bastos deixado aquelle theatro e vindo para o do Principe Real, obteve de Garrido a *Ponte dos suspiros* com igual acceitação, depois a *Gran Duquesa de Groldestein* que subiu de apreço. O repertorio da Trindade enriqueceu-se depois com o *Joven Telemaco*, *Boccaccio*, *Sinos de Corneville*, *Alli Baba*,

A' volta do Mundo, *Giralda Giralzinha* e muitas outras peças recebidas tambem com delirantes applausos em todos os theatros de Portugal, taes como *Silencio Calado*, *Surpresas do divorcio*, algumas ainda recentemente representadas nos theatros da Republica e Nacional, *Má sorte*, *Lagarticha*, e uma peça de Molière accomodada por elle graciosamente ao theatro portuguez.

Póde dizer-se que durante 50 annos figuraram successivamente nos palcos de Portugal e do Brasil os jucosos trabalhos do festejado Eduardo Garrido.

Alguem estranha não ter consumido parte desse tempo em composições originaes, mas a transformação que elle fazia d'aquellas obras, a graça com que as salpicava, imprimia-lhes bem um verdadeiro cunho de originalidade.

Mendes Leal sustentava que a originalidade não estava no enredo, mas no dialogo.

Souza Basto, na sua *Carteira do artista*, orça em mais de 250 as obras que o illustre escriptor deixou. Essa enorme producção teria enriquecido qualquer outro homem de letras que não fizesse como Alexandre Dumas, que dispndia no dia seguinte, as dezenas de luizes que os editores lhe pagavam na vespera, pelo original dos *Mosqueiteiros* ou do *Conde de Monte Christo*.

Garrido era assim, incommodava o andar a receber noite, a noite pelos theatros, os seus direitos de author. Tinha um appetite a satisfazer, dizia aos empresarios; quero cincoenta ou cem mil réis por esta peça. Convem-lhe? Pois não, Garrido. Venham elles. E a peça com que o empresario depois especulava com as empezas de provincia e os lucros que obtinha, se levava a companhia a qualquer parte do Brasil, centuplicavam a escassa retribuição que o author recebera.

Por fim, trabalhou immenso e morreu pobre. Antes porém das glorias obtidas depois da representação da sua primeira peça de grande espectáculo, *A Pera de Sata-naz*, genero com que mais lucrava do que, com originaes de peças de declamação, poesias e scenas comicas, nos theatros desse genero, já se havia tornado celebre a sua veia comica com o entre-acto *Por um triz*, desempenhado superiormente por Taborde e Isidoro, o qual teve mais de 100 representações, a *Bengala*, o *Prego*, *Namorado de officio*, interpretadas por Carlos dos Santos, *O amigo Banana*, por Taborde, successos que lhe deram entrada no theatro normal com a engraçadissima comedia em 3 actos, em verso, *Pecados velhos*, em que Isidoro era impagavel.

O actor Valle ainda poude brilhar depois na scena comica *O Aldiguiere Junior*, com que mantinha de principio ao fim a gargalhada no Gymnasio.

O seu funeral em Obidos, em cujo cemiterio ficou depositado, foi immensamente concorrido, tomando parte n'elle as principaes autoridades da terra, os amigos do sr. Frederico Pinheiro Pinto Basto, esposo da sobrinha do finado e a filarmónica obidense, executando marchas fúnebres.

Durante a sua estada em Gaeiras, desde julho do anno passado, escreveu Garrido uma obra que deixou inedita—*A presa de Kalf*, em 3 actos e 5 quadros, comedia—*vaudeville*, sendo a sua ideia tradusil-a em francez, para depois um seu amigo residente em Paris a verter em allemão e ser representada em Berlim com musica d'um maestro allemão e só no fim d'isto dal-a nos theatros de Portugal e do Brasil.

Pobre amigo! Tinha a convicção de grande successo d'este seu trabalho e não chegou a ver a consagração do seu grande merito no estrangeiro!

FRANCISCO SERRA.



PELOS TEATROS

Trindade

Entre as operéttas de O. Strauss, conhecidas do nosso público, as quais sempre se impõem pela sua musica agradável e despretenciosa e pelos seus entrecchos graciosos, occupa sem duvida lugar de destaque a que ora está sendo representada neste teatro com o titulo de *O Soldado de Chocolate*.

Requer a operéttta um espirito vivo e mordaz, de critica e de humôr a par de uma musica expressiva e facilmente comprehensivel, sem o que perderá essa propriedade de servir de passatempo agradável e despreocupado.



TEATRO DA TRINDADE

A REVISTA «SALADA RUSSA» DE ALVARO LEAL, 1.º QUADRO DO 1.º ACTO, DESEMPENHADA POR ESTUDANTES DAS ESCOLAS SUPERIORES

(Cliché A. Lima)

A música do *Soldado de Chocolate* ouviu-se com muito agrado e tem mesmo pedaços de muita harmonia e algumas valsas bonitas, posto que nelas se surpreendam compassos muito semelhantes aos de outras operetas em voga.

A tradução de Nascimento Correia está bem feita e cuidada, o que nos é agradável acentuar por estarmos pouco habituados a ver empregar neste género expressões pouco correctas, mesmo uma linguagem pouco decente.

O entreccho tem muita vida, muita graça e mantém o público em boa disposição e constante hilaridade.

Justifica-se pois o successo que tem tido.

Palmira Bastos faz um *travesti* com aquela arte que emprega sempre nos seus trabalhos e que sempre nos encanta.

Tereza Taveira toma também parte na peça dando grande brilho ao seu papel. Auzenda de Oliveira com a sua pequenina figura graciosa e a sua vivacidade mais contribue para o harmonioso

conjuncto bem como Augusto Conde, Medina de Souza e Luis Leitão.

A. N.

RECITA DE ESTUDANTES

Um grupo de estudantes das escolas superiores, na generosa intenção de auxiliar o Patronato da Infancia, que sustenta e dá ensino a creanças pobres, realizou, em a noite de 13 do corrente, no teatro da Trindade, uma recita em beneficio daquela instituição.

O teatro encheu-se completamente e entre a numerosa assistencia notavam-se muitas familias da melhor sociedade.

O espectáculo constou da conhecida e engraçada zarzuela *La gatita blanca* e que foi belamente desempenhada, distinguindo se, em especial, os srs. Alvaro Leal, Jacob Levy e Roberto Leal, de quem era também a encenação.

A' zarzuela seguiu-se uma revista, *Salada*

Russa, original do sr. Alvaro Leal que, com seu espirito humorista, produziu uma peça engraçada, em que os ditos espirituosos esfusiavam em scena, provocando a gargalhada dos espectadores. Foram dois actos de fina critica a varios casos ocorridos em Lisboa, como por exemplo: as escolas de repetição, os festejos do aniversario da Republica, as correrias do Rocio aos que não tiraram o chapéu ao hino nacional e outros, bem aproveitados para revista.

A musica de Luis Filgueiras, Carlos Canedo e Venceslau Pinto, parte original e parte bem aproveitada de outras peças do genero, agradou em geral.

Os interpretes que mais se distinguiram foram os srs. Alvaro Leal, João Barral, Joaquim Gomes, Eurico Nogueira e João Galvão, que se houveram como belos comicos.

A assistencia não regateou aplausos aos distintos amadores e assim se realizou uma obra de bem e se passaram algumas horas divertidas.

Almanaque Illustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis, nas outras terras 120 réis

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos meliores tecidos inglezes desde 22.000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto—Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º— LISBOA

CONTRA A TOSSE

MARQUE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149— LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata » » » 240 »

A' venda em todas as pharmacias